

Formação Continuada de Professores para Educação de Alunos com Autismo *Continuing Education of Teachers for the Education of Students with Autism*

1 Eduardo Lemes Monteiro

<https://orcid.org/0000-0001-8222-1728>

2 Altienes Vilanova dos Passos

<https://orcid.org/0009-0000-2778-0586>

3 Márcio Cristiano Vasconcelos de Campos

<https://orcid.org/0000-0003-2056-4885>

1 INTRODUÇÃO

A formação continuada de professores constitui-se como um dos pilares fundamentais para a construção de uma educação inclusiva e de qualidade, no atendimento a alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA). A efetiva inclusão desses estudantes demanda profissionais capacitados, programas permanentes de desenvolvimento docente e políticas públicas que assegurem a democratização do ensino, a acessibilidade e o fortalecimento de práticas pedagógicas inovadoras.

Nesse contexto, a formação docente não pode ser entendida como um processo pontual, mas como um movimento contínuo de aprimoramento profissional e de reconstrução pedagógica, capaz de atender às especificidades e potencialidades dos alunos autistas.

Entretanto, observa-se que a organização de projetos político-pedagógicos e a implementação de políticas educacionais ainda enfrentam limitações significativas, que vão desde a ausência de programas consistentes de capacitação até a fragilidade na garantia de direitos linguísticos e de práticas inclusivas. Tais obstáculos dificultam a consolidação de uma reeducação transformadora, que busca promover o pleno desenvolvimento dos estudantes autistas.

Este estudo possui relevância social e acadêmica, pois parte do princípio de que, ao refletir sobre a formação continuada e identificar fragilidades no processo de ensino-aprendizagem, é possível propor melhorias que impactem toda a comunidade escolar e, em última instância, a sociedade. Assim, a pesquisa se ancora em uma abordagem de pesquisa-ação, com base em revisão bibliográfica, visando responder às seguintes questões: quais estratégias têm sido utilizadas para aprimorar a formação docente na

perspectiva da educação inclusiva? Que metodologias e práticas pedagógicas vêm sendo aplicadas por professores no ensino de alunos autistas? Quais são as principais dificuldades e limitações enfrentadas no cotidiano escolar para a efetivação de práticas inclusivas?

O objetivo geral deste estudo é analisar a importância da formação continuada de professores para a promoção de uma reeducação transformadora no ensino de alunos com TEA. Como objetivos específicos, busca-se: identificar estratégias que contribuam para o aprimoramento da formação docente; verificar procedimentos e metodologias empregados na educação de alunos autistas; e mensurar as dificuldades e limitações enfrentadas pelos professores na concretização de uma prática pedagógica inclusiva.

Dessa forma, esta investigação se insere no debate contemporâneo acerca da formação docente, destacando a necessidade de políticas públicas que garantam o desenvolvimento profissional contínuo e a gestão democrática da escola, de modo a assegurar a construção de ambientes educacionais inclusivos.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Compreendendo o Autismo: Definições, Características e Desafios Educacionais

O Transtorno do Espectro Autista (TEA) tem sido apresentado sob diferentes definições e perspectivas ao longo da história, e marcado pela ênfase em comportamentos extremos e estereotípias. Em 1943, Leo Kanner utilizou o termo “autismo” para caracterizar crianças com retraimento social e com dificuldades significativas de interação.

O DSM-V engloba sob a designação de TEA diferentes manifestações clínicas, incluindo autismo infantil precoce, autismo de Kanner, autismo atípico, Síndrome de Asperger e Síndrome de Rett, compreendendo assim um espectro amplo de características e níveis de comprometimento (Silva; Souza, 2018).

Durante muito tempo, crianças com autismo foram identificadas com déficit de atenção, já que se concentravam em apenas uma tarefa. Hoje se sabe que tais manifestações decorrem de alterações no processamento de estímulos, o que resulta em um “foco em túnel”: atenção voltada para detalhes específicos, com dificuldade em perceber a totalidade de uma situação (Serralbo; Chalender, 2024).

Apesar das diferentes abordagens conceituais, a dificuldade em estabelecer interações sociais e a presença de comportamentos repetitivos e estereotipados permanecem como aspectos centrais do TEA. Além disso, muitas crianças autistas apresentam desafios na interpretação da linguagem não verbal, como a entonação da voz, o que impacta suas formas de comunicação (Lira Felix; Moreira, 2023).

De acordo com a ONU, o TEA afeta cerca de 1% da população mundial, aproximadamente setenta milhões de pessoas. No Brasil, os diagnósticos têm crescido, mobilizando pesquisas globais na busca por compreensão de causas e estratégias de intervenção. Embora o TEA seja mais prevalente em indivíduos do sexo masculino e, na maioria dos casos, afete uma criança por família, a atenção tem se voltado cada vez mais à importância das intervenções precoces, capazes de ampliar as possibilidades de desenvolvimento.

Ainda persiste, entretanto, um grande desconhecimento social acerca do autismo, o que reforça estigmas e limita a integração da pessoa autista nos diferentes espaços coletivos (Benini; Castanha, 2016). Reconhecer o autismo por suas limitações biológicas reduz a compreensão de sua dimensão cultural e social, que pode abrir caminhos para avanços significativos na autonomia e na inclusão.

Nesse sentido, é fundamental que a escola assuma papel protagonista, oferecendo condições pedagógicas, estruturais e relacionais que permitam o desenvolvimento integral do aluno autista, valorizando sua singularidade e potencialidade.

2.2 Capacitação Docente e Políticas Públicas para Educação de Alunos com Autismo

Nas últimas décadas, a sociedade brasileira passou por intensas transformações que demandaram um repensar sobre a educação e o papel do professor na construção de uma prática pedagógica inclusiva (Duque, 2024). O modelo tradicional, pautado na racionalidade técnica, ainda fragmenta o fazer docente, exigindo múltiplas especializações sem, contudo, oferecer condições efetivas para uma atuação integrada e interdisciplinar.

A necessidade de docentes com visão globalizada e preparados para atuar em contextos diversos reflete uma exigência social. O professor contemporâneo deve ser capaz de articular conhecimentos, dialogar com diferentes áreas e traduzir saberes em práticas significativas que conectem escola, vida cotidiana e comunidade (Silva; Souza,

2018). Essa perspectiva é ainda mais relevante quando se trata da educação de alunos com Transtorno do Espectro Autista (TEA), cujas especificidades estabelecem metodologias adaptadas, sensibilidade pedagógica e um olhar interdisciplinar (Silva et al., 2024).

Pesquisas de Araújo (2023), evidenciam que as concepções prévias dos professores sobre ensino, aprendizagem e natureza do conhecimento influenciam suas práticas pedagógicas. Nesse sentido, a formação continuada representa um processo de atualização e movimento de reconstrução da concepção de ensinar, permitindo que os docentes adotem novas metodologias e desenvolvam estratégias capazes de promover a inclusão efetiva de alunos autistas.

A integração plena entre professores e estudantes é fundamental para o desenvolvimento de práticas inovadoras, que rompam com a insegurança no ato de ensinar e aprender. No caso da educação de alunos autistas, a capacitação docente deve estar embasada na compreensão das necessidades individuais, na promoção do bem-estar emocional e na criação de ambientes que favoreçam a interação social e o desenvolvimento das habilidades cognitivas e comunicativas. Quanto mais precoce for o diagnóstico e a intervenção educacional, maiores as chances de promover avanços significativos na autonomia e na participação social desses estudantes (Lira Felix; Moreira, 2023).

Assim, a formação continuada de professores, associada a políticas públicas consistentes, surge como condição para que a interdisciplinaridade se concretize em todos os níveis de ensino (Silva, 2024). Trata-se de um caminho para consolidar uma educação inclusiva que forme cidadãos críticos e participantes da vida em sociedade (Araújo, 2023).

Dessa forma, compreender a formação docente como um processo contínuo é reconhecer o papel do professor como mediador de conhecimentos e transformador de realidades. Para além da transmissão de conteúdos, compete ao educador também desenvolver capacidades que favoreçam o exercício da cidadania, a inclusão social e a qualidade de vida de alunos autistas, contribuindo para uma sociedade mais democrática e humana.

2.3 Inclusão Escolar do Aluno Autista

A inclusão da pessoa com Transtorno do Espectro Autista (TEA) na sociedade está ligada à sua inserção no ambiente educacional, espaço privilegiado para promover o desenvolvimento integral, a formação acadêmica e o reconhecimento social de sua identidade. O processo de aprendizagem, nesse contexto, assume papel central, oferecendo condições para a valorização pessoal e a ampliação das interações sociais (Serralbo; Chalender, 2024).

Alunos autistas apresentam dificuldades na expressão verbal, como ausência de espontaneidade na fala, uso incomum de pronomes, criação de neologismos e limitações na compreensão de conceitos abstratos (Guimarães; Coutinho, 2025). Também se observa a chamada superseletividade, caracterizada pela dificuldade em lidar com múltiplos estímulos ambientais, o que pode comprometer a atenção e a organização das tarefas escolares (Costa, 2024). Tais aspectos reforçam a importância de práticas pedagógicas adaptadas e mediadas pelo professor, que precisa atuar de forma a tornar o aprendizado acessível.

O professor, como mediador, não deve centralizar o saber, mas abrir espaços de fala e diálogo, valorizando a participação ativa dos alunos. É pela linguagem e pela interação que se constroem significados e se sustenta o processo de aprendizagem. Assim, cabe ao docente organizar experiências pedagógicas que favoreçam a socialização, a troca de conhecimentos e o desenvolvimento de competências cognitivas e emocionais. Nesse processo, o ambiente escolar precisa ser estruturado de forma acolhedora, com metodologias flexíveis que respeitem o ritmo e as especificidades do aluno autista (Benini; Castanha, 2016).

Outro elemento é a parceria com a família. A qualidade da interação entre pais e filhos autistas exerce influência direta no desenvolvimento cognitivo, linguístico e socioemocional, ampliando oportunidades de aprendizagem. A participação da família no processo educativo fortalece a motivação, a autoconfiança e a continuidade das práticas pedagógicas para além do espaço escolar (Serralbo; Chalender, 2024).

Dessa forma, a abordagem educacional voltada para o aluno autista deve reconhecê-lo como sujeito social, sem reduzi-lo às suas limitações (Silva et al., 2024). A educação inclusiva, ao articular mediação pedagógica, construção de conceitos e vivências

cotidianas, torna-se capaz de promover a autonomia, a cidadania e a valorização da diversidade.

2.4 Recursos Digitais no Processo de Aprendizagem de Alunos Autistas

A presença da tecnologia no cotidiano escolar tem se consolidado como um recurso para o avanço do conhecimento. No caso da escolarização de pessoas com Transtorno do Espectro Autista (TEA), os recursos tecnológicos assumem papel ainda mais relevante, pois funcionam como ferramentas de mediação pedagógica que ampliam o acesso ao currículo e favorecem a inclusão educacional (Benini; Castanha, 2016).

A utilização de tecnologias deve estar vinculada à acessibilidade, possibilitando que alunos autistas desenvolvam maior autonomia em seus processos de aprendizagem (Duke, 2024). O computador, por exemplo, pode atuar como apoio significativo: enquanto algumas crianças demonstram pouco interesse, outras estabelecem vínculo com imagens, sons e atividades digitais, o que potencializa a motivação e o engajamento escolar (Costa, 2024).

Entre os recursos utilizados, destaca-se o PCS (Picture Communication Symbols), sistema que utiliza desenhos simples e combináveis para favorecer a comunicação. Esse recurso é eficaz em intervenções com alunos que apresentam atrasos graves na fala e na linguagem, estimulando a construção de significados e ampliando o vocabulário. Além disso, ferramentas visuais como agendas, listas e tabelas também contribuem para a organização, a previsibilidade e o desenvolvimento das atividades escolares (Benini; Castanha, 2016).

Assim, a integração entre tecnologia e pedagogia na educação de alunos autistas não deve ser vista como um suporte instrumental, mas como parte de uma abordagem inclusiva que reconhece a singularidade do estudante, amplia suas possibilidades de comunicação e promove sua participação ativa na vida escolar.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo evidenciou a complexidade do Transtorno do Espectro Autista (TEA), que, ao longo da história, recebeu múltiplas definições, tendo como característica central as dificuldades de interação social e de comunicação. Ao mesmo tempo, constatou-

se que tais limitações não devem ser compreendidas como barreiras intransponíveis, mas como desafios que podem ser superados por meio de práticas pedagógicas inclusivas e bem planejadas.

A pesquisa permitiu compreender que os alunos autistas, mesmo diante de déficits, podem romper com o estigma da incapacidade e alcançar avanços significativos quando inseridos em ambientes educacionais que valorizem a mediação pedagógica, a acessibilidade e o respeito às suas singularidades. O papel do professor, enquanto mediador e facilitador do processo de aprendizagem, mostrou-se fundamental na promoção de experiências significativas que favoreçam a construção de conhecimentos e o desenvolvimento da autonomia.

Espera-se que os resultados aqui apresentados contribuam para a reflexão e a ampliação das práticas inclusivas no contexto escolar, oferecendo subsídios para que toda a comunidade educativa compreenda a importância de investir em formação continuada, recursos pedagógicos e estratégias de mediação. Dessa forma, o estudo busca colaborar para a consolidação de uma educação inclusiva, capaz de promover a valorização, a autonomia e a plena participação social dos alunos autistas.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO FR. Concepções epistemológicas da prática educativa: explorando os fundamentos do processo de ensino-aprendizagem. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. 14 de novembro de 2023;9(10):2819-27.

BENINI, Wiviane; CASTANHA, André Paulo. A inclusão do aluno com transtorno do espectro autista na escola comum: desafios e possibilidades. **Cadernos PDE**, V. 1, Paraná, 2016.

COSTA, Ana Filipa Soares. **Uso das tecnologias por crianças**: influência no desenvolvimento e nas interações parentais. Master's thesis, Universidade do Minho (Portugal), 2024.

DUQUE RD. **Resistência dos Professores ao Uso de Tecnologias Educacionais na Aprendizagem de Alunos com Necessidades Educativas Especiais**: um estudo de caso em uma escola em Rondonópolis-MT. Aluz; 2024 Jun 6.

GUIMARÃES MF, COUTINHO DJ. Práticas inclusivas no ensino da matemática para alunos com autismo: caminhos e desafios na educação. **Revista Ibero-Americana de Humanidades, Ciências e Educação**. 2025 27 de março;11(3):1907-34.

LIRA FELIX LM, MOREIRA MB. **Autismo**: estratégias científicas para ensino de reconhecimento de emoções. Instituto Walden; 2023 Sep 1.

SERRALBO, Rosane Schmidt; CHALENDER, Vana Izabel de Araújo. Gestão escolar democrática x perspectiva de participação dos pais na escola uma discussão teórica na gestão pública: Democratic school management vs. Parents' participation perspective in school: a theoretical discussion in public management. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, Brasil, v. 1, n. 2, 2024. DOI: [10.51473/rcmos.v1i2.2024.731](https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i2.2024.731). Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/731>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SILVA L.F. A formação continuada de professores da educação básica no Brasil: realidades e necessidades. **Revista OWL** (OWL Journal) -Revista Interdisciplinar de Ensino e Educação. 2024, 31 de janeiro;2(1):212-24.

SILVA, Gercilane Bento da; DA SILVA, Josué Jorge Gonçalves; PONTES, José Tarcísio Lourenço; DE FREITAS, João Helvis Rodrigues; FREIRE, Roosevelt Lindolfo Venâncio. Da Exclusão à Expressão: Arte como Ferramenta de Inclusão e Empoderamento para Alunos com Necessidades Especiais. **RCMOS - Revista Científica Multidisciplinar O Saber**, Brasil, v. 1, n. 1, 2024. DOI: [10.51473/rcmos.v1i1.2024.618](https://doi.org/10.51473/rcmos.v1i1.2024.618). Disponível em: <https://submissoesrevistacientificaosaber.com/index.php/rcmos/article/view/618>. Acesso em: 21 ago. 2025.

SILVA, Flávia de Castro; SOUZA, Mayra Fernanda Silva de. Psicomotricidade: um caminho para intervenção com crianças autistas. **Pretextos** - Revista da Graduação em Psicologia da PUC Minas v. 3, n. 5, jan./jun. 2018 – ISSN 2448-0738.